

DISCURSO, TEXTO E REFERENCIAÇÃO: O GÊNERO TEXTUAL REVISTA EM QUADRINHOS EM FOCO¹

Cristiane Menezes de Araújo (FSLF)²
cris-menezes24@hotmail.com

Introdução

A Linguística Textual é considerada um objeto de estudo primordial para analisar a manifestação da linguagem realizada pelos falantes de uma determinada língua; por ter como principal objeto de pesquisa o texto, que não deve ser confundido com discurso³ ou tópicos frasais. A constituição de um texto depende muito do conhecimento de mundo que o falante/leitor já possui. Nesta perspectiva, para a construção de um texto, segundo Koch (2009), é necessário que haja o uso dos fatores de textualidade, dentre eles os recursos de coesão e coerência, a intertextualidade, a situacionalidade, o conhecimento de mundo, a informatividade, os questionamentos, a aceitabilidade etc., sendo que estes são considerados como fenômenos linguísticos e extralinguísticos que se fazem presentes na língua utilizada pelo falante. Um texto não é só um conjunto de ideias isoladas sem conexão alguma, ele deve ser composto por propriedades coerentes e coesas que possibilitem ao leitor desenvolver processos interpretativos, reflexivos, críticos para uma possível produção textual a partir destes referentes (MARCUSCHI, 2012).

Dentre o universo de recursos de textualidade, os processos referenciais, de acordo com Koch (2009), ficam limitados ao modo linguístico como os falantes interagem de maneira isolada no mundo real. Assim sendo, cada indivíduo reage de forma específica às diversas situações do cotidiano, a que é submetido ao longo do tempo, por conta do meio em que vive, da cultura, da situação financeira etc. A referenciação não deve ser analisada somente pelo ato da fala, pois as pessoas mudam constantemente de opiniões e posicionamentos sociocríticos.

Um dos principais elementos da referenciação é a interação cognitiva textual que deve haver entre os falantes para a construção do sentido linguístico e comunicativo. Vejamos o exemplo a seguir:



¹ Este artigo foi construído para conclusão da Pós-Graduação Lato Sensu em Língua Portuguesa e Diversidade Linguística, sob orientação da Prof^a MSc. Eccia Alecia Barreto (UFS).

² Graduada em Letras – Português/Literatura e Pós-Graduada em Língua Portuguesa e Diversidade Linguística pela Faculdade São Luís de França.

³ O discurso é considerado um objeto linguístico complexo e multimodal, que é produzido através da linguagem oral ou escrita, verbal e não verbal, mas sempre se baseando em eventos comunicativos linguísticos, sociais, culturais, interacionais e cognitivos que são desempenhados por locutores e interlocutores a partir de um contexto (VAN DIJK, 2012).

O uso de “*Seria legal*” (Seria legal!), expressão utilizada por Cebolinha, funciona como um processo de referenciação, no caso, tem-se um articulador metaenunciativo, de caráter atitudinal/afetivo⁴, pois quando o personagem Cebolinha fez uso da forma verbal “seria” (Futuro do pretérito) não está afirmando sua forma de pensar ou agir, está apenas relatando, sem comprometer-se com a menção feita ao aparecimento do gênio.

Diante das discussões arroladas, neste trabalho, temos como objetivo analisar na Revista em Quadrinhos “*Turma da Mônica*”, especificamente, o episódio intitulado “*Uma história quase romântica*”, a presença do processo de referenciação metadiscursivo através do discurso desempenhado pelos personagens, a fim de compreender como este processo linguístico ocorre no gênero textual proposto, de forma a fazer uma reflexão sociocrítica. O processo de referenciação é um elemento linguístico que se faz presente no uso da linguagem verbal e não verbal e é utilizado para se comunicar e interagir em diversas situações. É interessante salientar que a escolha do tema proposto para construção do trabalho científico deu-se por fazer parte da área de estudo da Linguística Textual, que prima por um estudo voltado exclusivamente para a forma como o texto se desenvolve através do escritor/leitor/ouvinte, permitindo-lhes compreender a linguagem através da interação sociocognitiva. É importante que todas essas características estejam voltadas para a realidade cotidiana vivenciada pelo educando e que o ato de produzir textos discursivos orais e escritos, individualmente, possibilite ampliar o seu nível de interação social e desenvolvimento educacional.

Partindo desta problemática, foram realizadas leituras crítico-reflexivas e análises bibliográficas, sobre algumas obras referentes a autores que versam sobre os gêneros textuais (MARCUSCHI; 2008, KOCH; 2011, CAVALCANTE; 2008, JUBRAN; 2003 e demais). Cabe destacar que o trabalho com gêneros textuais, atualmente, é visto por documentos nacionais (como os PCNs) como uma ferramenta pedagógica de suma importância para o desenvolvimento da prática de leitura em sala de aula. Por conseguinte, houve o processo de leituras analíticas da Revista em Quadrinhos “*Turma da Mônica*”, para identificar qual a importância da referenciação neste gênero. Uma vez que tal gênero textual é considerado uma ferramenta educacional fundamental para trabalhar as práticas de linguagens orais e escritas, verbais e não verbais.

Para encaminhamento da análise, o presente estudo está estruturado em quatro capítulos. No primeiro capítulo deste trabalho, explana-se sobre a trajetória da Linguística Textual. Na segunda parte, discorremos sobre a importância dada à linguagem discursiva que se faz presente nos diversos gêneros textuais existentes no cotidiano social de um indivíduo. Por conseguinte, será abordada a contribuição social, interacional e cognitiva presente na realização da leitura dos quadrinhos através do falante. No quarto capítulo, retratamos o desenvolvimento do processo de referenciação, baseando-se em modalidades práticas orais e escritas para o desenvolvimento de discursos textuais desempenhados pelos personagens na Revista em Quadrinhos “*Turma da Mônica*” no episódio intitulado “*Uma história quase romântica*”. Por fim tecemos nossas considerações finais.

1. Linguística Textual: trajetória

⁴ São aqueles que encenam a atitude psicológica com que o enunciador se representa diante dos eventos de que fala o enunciado (cf. KOCH, 2011, p. 138)

A Linguística textual é considerada um novo ramo da Linguística e surgiu entre a segunda metade da década de 60 e primeira metade da década de 70, tendo como objeto de estudo na época a coesão e esta amparada na coerência, já que ambas eram vistas como propriedades fundamentais do texto. Por conseguinte, na década de 80, notou-se que a temática coerência era o que realmente importava, pois dava sentido à construção do texto, por conta da interação cognitiva que deveria haver entre leitor, texto e meio de produção. Um texto pode ter diversas finalidades para o leitor, pois é composto por várias características sociointeracionais, além de ser considerado pelos pesquisadores da linguagem como uma ferramenta educacional crítico-reflexiva complexa e inacabada, que permite ao falante a realização do ato da comunicação.

A partir da década de 90, com a contribuição dos estudos dos pesquisadores Van Dijk e Kintsch é que a tendência sociocognitivista ganhou amplitude em relação ao estudo do texto. Desse modo, através da ênfase dada a esta temática, surgiram novas questões linguísticas como a referenciação, a inferenciação, o acessamento e o conhecimento prévio, além dos fenômenos da linguagem que se referem à oralidade/escrita e gêneros discursivos sob os preceitos do estudioso da linguagem Bakhtin (2002) e demais. Dentre os objetos da Linguística Textual, o processo de referenciação, segundo Koch (2011), tem crescido muito como objeto de pesquisa e tem contribuído de maneira fundamental no que se refere à análise discursiva de um “querer-dizer” do falante.

A referenciação é considerada um novo fenômeno linguístico e estuda como é desenvolvida a atividade discursiva que é realizada pelos falantes de maneira sociointerativa. De acordo com as autoras Mondada e Dubois (2003), a referenciação está representada através das entidades ou coisas que as pessoas pensam em falar ou discursar a respeito de alguém ou alguma coisa e se dá, principalmente, na prática discursiva da linguagem. Esse novo processo linguístico depende do conhecimento compartilhado pelos interlocutores da ação discursiva.

De acordo com Cavalcante et al. (2010), a Linguística Textual é conhecida hoje como uma área abrangente de subdomínios que analisa as práticas discursivas e que prioriza estudos ligados à pragmática e à semântica apresentadas em discursos textuais desempenhadas por falantes/ouvintes. É através do texto que o indivíduo torna-se um ser sociocrítico e interage por diversas culturas. Desse modo, para que haja compreensão textual é necessário que o leitor possua um conhecimento prévio linguístico e extralinguístico da temática que está sendo questionada ou analisada (cf. KOCH, 2011).

Neste interim, faz-se necessário refletir sobre a perspectiva de Fiorin (2012) quanto ao objeto de estudo da Linguística Textual: o texto. De acordo com o referido autor, texto é uma unidade de linguagem em uso que permite ao falante/ouvinte desenvolver ideias críticas a partir de interações sociocomunicativas. Já o discurso se desenvolve através destas situações enunciativas que são realizadas pelos indivíduos sociais. Dessa maneira, o discurso é apresentado baseando em comunicações linguísticas sejam estas orais ou escritas, verbais ou não verbais, mas todas sendo desempenhadas em ambientes sociointerativos.

Pautando-se em alguns estudiosos da linguagem, texto e discurso são considerados sinônimos um do outro, por serem considerados elementos inseparáveis quando se trata de língua (Bakhtin, 2003; Koch, 2011; Marcuschi 2012). Assim, este é construído a partir de diversas leituras analíticas e aquele é produzido através da enunciação expressiva da escrita para a fala. Sendo assim, a linguagem é produzida a partir da interação social que há entre estes elementos linguísticos, textuais e sociais.

Texto e discurso sempre vão caminhar juntos no que se refere à produção e desenvolvimento da linguagem referencial discursiva que é desempenhada pelos

falantes de uma língua. Haverá sempre uma relação de dependência, como nos processos de coesão e coerência, tópicos frasais, intertextualidades e inferências. O leitor/escritor não deve pensar em texto sem introduzir o discurso juntamente com este, já que a produção textual não vai acontecer apenas através da composição de diversas palavras, formando assim uma frase completa, mas a partir de várias leituras prévias que são realizadas discursivamente de maneira interativa ou por meio de diversas explicações sobre a temática abordada, para que o texto seja previamente produzido pelo leitor. No próximo capítulo faremos uma breve discussão a respeito dos gêneros textuais, ressaltando sua importância para o desenvolvimento do ensino de LP, através desta nova ferramenta educacional.

2. Gêneros Textuais: breve discussão

Os gêneros textuais são denominados de “modelos” de textos que circulam socialmente de maneira interativa e discursiva entre os indivíduos que fazem parte do cotidiano de uma sociedade (SCHNEUWLY E DOLZ, 2004). O uso de diversos gêneros textuais no ambiente escolar amplia de forma significativa o conhecimento linguístico e discursivo dos alunos. Tais elementos sociointerativos também acabam sendo um determinante muito importante para que o aluno desenvolva de forma competente o uso da linguagem em sala de aula. Vejamos o pensamento do estudioso Marcuschi (2011) em relação a esta temática:

[...] torna a circulação dos gêneros textuais na sociedade um dos aspectos mais fascinantes, pois mostra como a própria sociedade se organiza em todos os seus aspectos. E os gêneros são a manifestação mais visível desse funcionamento que eles ajudam a constituir, envolvendo crucialmente linguagem, atividades enunciativas, intenções e outros aspectos. (MARCUSCHI, 2011, p. 25)

A circulação linguística dos gêneros textuais na sociedade não é considerada pelos indivíduos como algo que está estático, mas sim um elemento da linguagem que está em constante mudança, pois pode ser identificado desde a esfera primária até a secundária (BAKTHIN, 2003). Desse modo, segundo Schneuwly e Dolz (2004), os gêneros são organizados a partir de uma temática, uma esfera composicional e um estilo. Por exemplo, numa conversa entre amigos, temos como temática os acontecimentos íntimos ou não que se fazem presentes na conversa. Já, a esfera composicional é representada através da estrutura do texto. Assim, num gênero ofício tem descrito no texto lugar, data, assunto e assinatura; o estilo é visualizado através do conjunto de marcas linguísticas que são exigidas por um determinado gênero textual. Veja que no exemplo dado anteriormente, a utilização da linguagem pelo escritor do texto deve ser a formal, excluindo deste modo qualquer tratamento afetivo ou íntimo (PORTO, 2009).

A linguagem discursiva dos gêneros textuais pode ser apresentada tanto de forma oral como escrita, verbal ou não verbal. Na perspectiva de Marcuschi (2011), o estudo dos gêneros orais é considerado recente e menos abrangente que o estudo dos gêneros textuais escritos. Os gêneros orais só são identificados a partir do ato de comunicação linguística desempenhado pelos falantes de uma língua, como no discurso oralizado apresentado em uma piada, um telefonema, uma conferência, abertura de uma narrativa etc. No que concerne ao estudo do gênero escrito, é considerado abrangente e com vasto campo de pesquisa por conta da diversidade de exemplos existentes no uso da prática textual de linguagem apresentada pelo leitor/escritor. Todavia, o uso da

linguagem discursiva dos gêneros é desempenhado pelos falantes de uma língua e é realizado de maneira oral ou escrito. Sendo que, ambas são desempenhadas juntas, pois para que a linguagem falada ocorra depende da produção textual escrita. Estes dois elementos discursivos são fundamentais para o estudo e classificação dos diversos gêneros textuais existentes no cotidiano social de um indivíduo. Assim, os gêneros textuais são considerados dinâmicos, interacionais, socioeducacionais, instáveis, infinitos e variam de cultura para cultura. É através deles que os falantes produzem discursos, tornam-se leitores sociocríticos e formulam pontos de vista em relação às temáticas linguísticas que estão sendo abordadas em sociedade. No próximo capítulo abordaremos um pouco sobre a ferramenta pedagógica *História em Quadrinhos*, e sua importância para o processo de leitura e escrita em sala de aula.

3. Histórias em Quadrinhos: uma ferramenta para o ensino

A linguagem utilizada nas histórias em quadrinhos era visualizada com certa rejeição por parte das instituições educacionais, no século XIX. Mas, segundo Ramos e Vergueiro (2009), a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em 1996, este gênero textual tornou-se uma ferramenta pedagógica fundamental para o processo de leitura nas instituições escolares. Sendo que, nos anos seguintes esse gênero textual se tornou mais presente e começou a ser tratado de uma maneira mais explícita nos PCNs de Língua Portuguesa. As histórias em quadrinhos representam uma sequência de fatos que narram o desenrolar de uma história de qualquer gênero discursivo e transmite informação, conhecimento, sentimento, ação etc., através de personagens que produzem uma conversação natural face a face sobre alguma temática do cotidiano do falante.

Para ler quadrinhos é preciso ler sua linguagem de forma prática, fácil, clara e autônoma, pois além de possuir a linguagem verbal, ainda está presente neste gênero a linguagem não verbal (visual), que para ser compreendida vai depender do conhecimento linguístico e extralinguístico do leitor (RAMOS, 2009). O tipo de linguagem discursiva que é apresentada nos quadrinhos tem muito em comum com o que é visto, por exemplo, no cinema, no teatro, na literatura, na televisão e demais. Esses meios de comunicações possibilitam ao leitor/ouvinte realizar uma interação social entre diversas culturas influenciando assim, no desenvolvimento do comportamento diário do indivíduo. Desse modo, as diversas formas de linguagens que são veiculadas na mídia e nas histórias em quadrinhos estão também interconectadas com a realidade cotidiana que é vivenciada pela diversidade sociocultural dos leitores que fazem parte da sociedade (RAMOS, 2012).

Segundo Ramos (2012), os quadrinhos possuem características próprias, mas que podem ser compartilhadas porque são cheias de pequenos detalhes, desde a ilustração dos balões até a narrativa que é apresentada e, para cada tipo de leitor, deverá ser realizada uma linguagem distinta. Desse modo, existe também, a linguagem oralizada que é utilizada na produção ilustrativa ou cena discursiva apresentada numa sequência lógica de quadrinhos. É possível notar que nas histórias em quadrinhos se faz muito mais presente o aspecto da oralidade do que o da escrita, por conta da interação não verbal que há entre escritor e leitor.

É possível perceber também que na linguagem apresentada nas histórias em quadrinhos há a presença das letras que, geralmente, são grafadas de maneira diferenciada indicando ao leitor quando um pensamento é dito aos gritos ou não. E, para isso, são utilizados os termos em negrito com um tamanho de letra maior mostrando ao leitor que houve uma expressividade diferenciada quanto ao desenvolvimento da informação presente no contexto linguístico apresentado. Há ainda outro caso de uso

das palavras em negrito, por exemplo, quando o escritor quer dar mais ênfase a um determinado trecho ou situação presente no texto.

Entretanto, histórias em quadrinhos são consideradas um *hipergênero*⁵, pois agregam diversos outros gêneros textuais (cartuns, tiras cômicas, charges), sendo que cada um possui uma função no momento de transmitir a linguagem. As HQs hoje são consideradas uma das ferramentas fundamentais para o processo de leitura e escrita em sala de aula, seja nas aulas de língua portuguesa ou estrangeira. É considerado ainda como um recurso didático inovador e capaz de despertar na criança, adolescente ou jovem o gosto em desenvolver leituras, produções textuais e discursivas, baseando-se apenas em uma simples caricatura ilustrativa presente em um único balão colorido ou preto e branco. Os PCNs de Língua Portuguesa (1998) enfatizam que é importante a utilização das *Histórias em Quadrinhos* em sala de aula para desenvolver no educando o gosto em realizar leituras e produzir textos de maneira autônoma. Na seção seguinte, apresentamos um pouco sobre o processo de referenciação, com ênfase na importância dos articuladores textuais que se fazem presentes no texto.

4. O processo de referenciação: os articuladores textuais metadiscursivos

O processo de referenciação é considerado um recente produto linguístico de suma importância para a Linguística Textual. A referenciação é um objeto discursivo desenvolvido através do estudo da linguagem, que é manifestada a partir de atos interativos, sociais e cognitivos realizados pelos falantes através de um “querer-dizer”. A referenciação é compreendida como um processo linguístico, cultural, social e interacional construído pelo sujeito a partir do objeto de dizer do discurso que é apresentado por estes falantes. Assim, este processo consiste na construção e reconstrução de objetos do discurso que são desempenhados a partir do conhecimento socialmente compartilhado entre indivíduos de maneira interativa, seja através de situações de escrita ou leitura (KOCH, 2009).

Para Koch (2009), é imprescindível a importância sociointerativa que há entre o diálogo linguístico co-textual e contextual, sendo que estes servem para que seja desempenhada a habilidade discursiva de escrita e leitura, baseando-se, exclusivamente, no processo de referenciação que se faz presente num determinado tipo/gênero de texto apresentado para discussão. Desse modo, enquanto um contribui para que o escritor produza seu objeto discursivo, o outro auxilia o leitor no exercício da construção do sentido contextual linguístico, mas isto só será possível a partir da realização de uma leitura crítica e reflexiva desenvolvida de maneira individual ou coletiva. No processo de escrita de um determinado tipo ou gênero de texto, o escritor/leitor precisará ter consigo certo conhecimento de mundo sobre a temática que será abordada, para assim, agregar ao conhecimento linguístico que irá adquirir com as leituras analíticas realizadas.

No que tange a isso, Cavalcante (2011) afirma que quando houver a escrita do texto, sempre estará presente o processo de ajustamento das palavras através dos articuladores metadiscursivos, pois é a partir do que já foi construído ou dito pelo escritor que o desenvolvimento do texto crítico ou reflexivo fará sentido para as conclusões do leitor/ouvinte. A atividade de leitura de um texto realizada por um leitor atento possibilitará a este desempenhar aspectos linguísticos, sociocognitivos e

⁵ *Hipergêneros* são categorizações textuais empregadas em único gênero textual, por exemplo, a revista em quadrinhos é composta por uma série de características linguísticas e discursivas, tais quais, o uso da legenda, das onomatopeias, a apresentação da linguagem própria de cada personagem, o tipo textual narrativo e demais. (RAMOS, 2012)

interacionais para desse modo ser capaz de: se posicionar diante da abordagem discursiva de um determinado tipo/gênero de texto; possibilitar a este leitor produzir inferências referente à temática que está em discussão; estabelecer relação entre o verbal e o não verbal explícito no texto; definir objetivos a serem alcançados ao término das leituras realizadas e formular, assim, seu próprio ponto de vista em relação à temática em questão.

Portanto, um texto trata, geralmente, de questões de linguagens explícitas e implícitas em que o leitor, enquanto autor de seu próprio discurso, tem capacidade sociocultural, a partir de embasamentos teóricos, para desvendar, construir e transmitir suas ideias com relação ao conhecimento adquirido na leitura desenvolvida de forma autônoma e individual. Visto que a contextualização metadiscursiva de um referente acontece quando o autor do texto conclui de maneira coerente e coesa seu ponto de vista, em relação ao que já foi categorizado e recategorizado em outro texto.

4.1 Os articuladores metadiscursivos na história em quadrinhos “Turma da Mônica uma história quase romântica”

A referenciação é tida como um processo discursivo que envolve diversos recursos linguísticos, dentre eles destacamos os articuladores metadiscursivos, que são responsáveis pelo próprio ato de dizer do falante/ouvinte em um determinado discurso. Baseando-se em Jubran (2003), o metadiscorso é denominado como um produto verbal enunciativo que envolve de maneira interligada elementos da linguagem como enunciado e enunciação. Assim, os articuladores metadiscursivos servem para que o locutor/interlocutor avalie, corrija, ajuste e comente a forma de dizer em uma determinada situação discursiva, que se faz presente nos atos da fala e da escrita.

Os articuladores metadiscursivos, segundo Risso e Jubran (1998), servem para que o locutor do texto expresse seu ponto de vista, conhecimentos de mundo e linguísticos, demonstre o juízo de valor, tanto no que está sendo dito ou que está a dizer pelo falante. Desse modo, os articuladores metadiscursivos que se faz presente em um determinado tipo/gênero de texto, funcionam de forma dinâmica e espontânea, permitindo ao falante se expressar a partir do discurso apresentado no ato da fala. Os articuladores metadiscursivos estão classificados em três tipos: metaformativos, modalizadores ou metapragmáticos e metaenunciativos.

Em síntese, os metaformativos são aqueles que tomam por objeto de estudo o próprio texto, sua forma de estruturação. Como exemplos de articuladores metaformativos têm-se os articuladores: *isto é, quer dizer, sobretudo*; já, os modalizadores ou metapragmáticos são aqueles que têm por fim indicar o grau de certeza, de comprometimento do locutor em relação ao seu discurso ou comentários a respeito dos enunciados que produz. E, este pode ser tomado em sentido amplo (*strictu sensu*) ou restrito (*lato sensu*). Por fim, os metaenunciativos são aqueles em que o enunciador reflete o “dizer-enquanto-se-diz”, ou seja, o enunciador se faz presente no discurso e realiza uma autorreflexão da linguagem apresentada. São exemplos de articuladores metaenunciativos: *digamos assim, podemos dizer assim, vamos dizer assim* etc., (KOCH, 2009).

Para exemplificar os três tipos de articuladores metadiscursivos foram selecionados como exemplos alguns diálogos desenvolvidos pelos personagens da revista em quadrinhos “Turma da Mônica”, especificamente sobre o episódio intitulado “Uma história quase romântica”.

Em (1) temos os personagens Cebolinha e Cascão conversando sobre um possível susto que pretendiam dar em Mônica, mas, segundo Cebolinha, não irá funcionar, por conta do lençol florido que Cascão resolveu usar para fingir que era um

fantasma. Desse modo, o articulador modalizador do tipo comentador “*flacamente*” utilizado por Cebolinha marca o grau de certeza e comprometimento de que o suposto susto em Mônica não daria certo. Este articulador demonstra ainda como o enunciador se posiciona perante o ato da enunciação, ou seja, o enunciador se coloca diante do interlocutor como sendo franco, honesto e muito sincero perante os discursos linguísticos apresentados no desenrolar da ação. Os modalizadores, de maneira geral, organizam o enunciador no enunciado e ainda destacam-nos diante do pensamento sociocrítico dos interlocutores.

(1)



Figura 1- Estratégias Modalizadoras

Em (2) ocorre uma discussão com os personagens Cebolinha e Cascão, ainda sobre o possível susto que pretendiam dar em Mônica, mas surge o nome de outra personagem chamada Denise, que de acordo com Cascão, é uma pessoa muito antenada com relação ao mundo da moda. Mas Cebolinha discorda totalmente desta afirmação. É possível perceber nas expressões discursivas interrogativas “*E quem é que conta?*” e “*E quem é que entende?*” que surgiu a presença do articulador metaformativo de paráfrase e repetições saneadoras e estes demonstram, de alguma forma, que o interlocutor não compreendeu algo que está sendo dito pelo locutor da ação. Por exemplo, no momento em que o personagem Cebolinha realiza os tais questionamentos ao Cascão é possível, enquanto leitores da história, notarmos que faltou um entendimento claro em relação ao que estava sendo dito no momento da ação. Desse modo, percebemos que os articuladores metaformativos tomam com objeto de estudo o desenvolvimento do próprio texto que se faz presente no momento do discurso.

(2)



Figura 2 - Estratégias Metaformativas

No exemplo (3), percebe-se a presença do articulador metaenunciativo através do ato reflexivo desempenhado por Cebolinha, “*E o pior é que ele tem lação*” sobre o próprio dizer de Cascão em relação a uma atitude realizada na cena anterior por outro personagem que se fazia presente no texto. Dessa maneira, os articuladores

metaenunciativos (também conhecidos como atenuadores) têm como função comentar a própria enunciação, de acordo com o que ficou armazenado na memória discursiva do falante e que foi exposto no texto de forma explícita (KOCH, 2013). Por meio destes atenuadores, os falantes de uma determinada língua podem amenizar a forma de dizer seu conteúdo linguístico, usando expressões textuais do tipo “talvez”, “digamos assim”, “vamos dizer assim”, o que de maneira clara e objetiva dá ao interlocutor da ação a opção de concordar ou não com que está sendo dito pelo falante. Diante do exposto, os articuladores metaenunciativos introduzem enunciados que permitem ao falante desempenharem o uso da linguagem auto-reflexiva a partir da própria enunciação que é tomada como objeto de referência.

(3)



Figura 3 - Estratégias Metaenunciativas

O processo metadiscursivo é responsável pelo ato de dizer do falante e tem por base de estudo a construção e compreensão do texto a partir do desenvolvimento do discurso autorreflexivo, pois é através da reflexão sociocrítica que os interlocutores interagem entre si e constroem visões linguísticas e de mundo sobre determinadas situações cotidianas. Desse modo, identificou-se, com o estudo do gênero textual em questão, a presença dos articuladores metadiscursivos. Esses articuladores contribuíram de maneira positiva para que o locutor e o interlocutor, presentes no texto, avaliem, percebam e reflitam, a partir do que é dito no desenrolar do discurso. Esses indivíduos, enquanto falantes da língua, podem desenvolver estratégias sociais, culturais, interacionais e linguísticas perante as diversas situações discursivas e textuais.

Considerações Finais

Nosso foco, neste texto, foi analisar o funcionamento dos articuladores metadiscursivos no gênero textual “*Revista em Quadrinhos Turma da Mônica*”, mais especificamente no episódio intitulado “*Uma história quase romântica*”. Com a análise, foi possível percebermos que o uso dos articuladores metadiscursivos no *corpus* em estudo não foi tão constante, talvez porque a pesquisa foi realizada apenas em um único episódio do gênero textual em questão.

O gênero textual *Revista em Quadrinhos* possui como principal objetivo auxiliar o indivíduo a interpretar a realidade social a partir dos conhecimentos de mundo e linguístico que são adquiridos em vivências sociointeracionais, ambos desempenhados através da linguagem verbal e não verbal. Desse modo, na análise discursiva e textual realizada, foi possível percebermos a presença dos articuladores textuais no momento em que os personagens discutiam e davam sua opinião sobre determinado fato.

Com a análise das tirinhas encontramos a presença dos três tipos de articuladores metadiscursivos – modalizadores, metaformativos e metaenunciativos. Dentre o grupo de articuladores textuais, presentes no gênero textual estudado, o de maior recorrência foram os metaformativos de paráfrases e repetições saneadoras,

listados na seção 2. Com o uso desse articulador metadiscursivo, os personagens poderão demonstrar de alguma forma que o interlocutor não compreendeu a mensagem que estava sendo transmitida pelo locutor (KOCH, 2011). No caso dos articuladores modalizadores, das cinco funções que estes podem desempenhar, houve apenas a ocorrência de uma: os comentadores, que evidenciam a forma como o enunciador se posiciona perante o outro no ato de enunciação. Por fim, verificamos que o uso dos articuladores metaenunciativos, a partir do discurso autorreflexivo presente na fala dos personagens da história em quadrinhos “*Turma da Mônica*”, contribuíram para a interação entre os interlocutores, promovendo, dessa forma, a compreensão, produção e recepção de textos orais ou escritos.

Referências Bibliográficas

- BRASIL. Secretaria de educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães; PINHEIRO, Clemilton Lopes; LINS, Maria da Penha Pereira; LIMA, Geralda. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In. *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. Anna Christina Bentes, Marli Quadros Leite (Orgs.). São Paulo, Cortez, 2010, p.225-261.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Leitura, referência e coerência. In. *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. Vanda Maria Elias (Org.). São Paulo, Contexto, 2011, p. 183-195.
- FIORIN, José Luiz. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In. *Texto ou Discurso?* Beth Brait e Maria Cecília Souza-e- Silva (Orgs.). São Paulo, Contexto, 2012, p. 145-165.
- JUBRAN, Clécia Spinardi. O discurso como objeto-de-discurso em expressões nominais anafóricas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, nº 44, p. 93-103, jan/jun. 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. São Paulo: Parábola, Editorial, 2012.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referência. In. *Referênciação*. Mônica Magalhães Cavalcante, Bernadete Biasi Rodrigues, Alena Ciulla (Orgs.). 1ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo, Contexto, 2014, p. 17-52.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística textual*. 2ª ed. São Paulo, WFM Martins Fontes, 2009.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 7ª ed. São Paulo, Cortez, 2011.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3ª ed, 8ª reimpressão. São Paulo, Contexto, 2013.
- PORTO, Márcia. *Um diálogo entre os gêneros textuais*. Curitiba, Aymar, 2009.
- RAMOS, Paulo. Recursos de oralidade nos quadrinhos. In. *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. Vanda Maria Elias (Org.). São Paulo, Contexto, 2011, p. 79-101.
- RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. 2ª ed. São Paulo, Contexto, 2012.

RISSO, Mercedes Sanfelice; JUBRAN, Clécia Cândida Spinardi. *O discurso auto-reflexivo: processamento metadiscursivo do texto*. Delta, São Paulo, v. 14, p. 1-10, 1998.

SOUZA, Maurício de. Coisa de fantasma. In. Uma história quase romântica. *Revista Turma da Mônica*. Editora Panini Comics, nº 79 - Julho de 2013, p. 24-30.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e Organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, Mercado de Letras, 2004.

Anexos da Revista em Quadrinhos “Turma da Mônica”



